

# A Mãe

Nayara Gomes Almeida

*Zugrund gerichtet, wach ich ruhig auf.  
Von Grund auf weiß ich jetzt, und ich bin unverloren.  
[Indo ao fundo, desperto tranquilamente.  
No fundo agora sei, e estou imperdido.]*

(Ingeborg Bachmann)

Assim, inerte, era possível sentir por ela carinho. Não, carinho não, admiração talvez. Seu corpo tinha a beleza das coisas que resistem ao tempo, como um velho navio naufragado, solene no fundo do mar. Um mergulhador desavisado se entusiasmaria ao avistar os destroços, fantasiaria tesouros escondidos. Mas nada restava ali. Se algum dia houvera algo, uma história de amor, uma aventura, uma ambição, apagara-se. Ali estava a carcaça do navio, uma relíquia sem valor, bela e inútil.

Olhava a mãe e pensava em si. Também ela estaria assim um dia, encarquilhada, exposta, vazia. Se a mãe se soubesse, se se pressentisse, desejaria desaparecer de vez. Mas ela apenas vagava à meia-luz, inquieta, abrindo portas aleatórias da memória, despejando velhos rancores. Antes, quando voltava brevemente ao presente, entristecia-se com o destino. Que sina covarde, que sina infeliz. Aos poucos, porém, a infelicidade tomara a forma definitiva de rancor. Cada palavra, cada gesto da mãe era uma forma de envenenar a vida. Teimava em uma existência espectral, raivosa e irrefletida que assombrava e machucava sem nenhuma culpa. Não, era Cristina quem se sentia culpada. Esforçava-se para ver nas atitudes da mãe a decrepitude mental, mas cada gesto vinha prenhe da mãe-jovem. Cada palavra mais durarestaurava, num lampejo, a dor que lhe fora infligida. As mágoas, há tanto submersas, reapareciam intactas, faziam-na perguntar-se o que fazia ali, por que se sacrificava dia e noite por alguém que secara tão cedo na vida, que não lhe presenteara nem com a esperança de um afago, que a expulsara de casa quando tudo que precisava era a indicação de um caminho.

Tudo passado.

Ela estava ali porque não seria como a mãe, capaz de abandono. Ela não poderia deixar de estender a mão a um parente, por mais cruel que lhe tenha sido, não era vingança que procurava. Aliás, não

procurava nada, cumpria um papel, entregava-se a ele. Agarrava-se a essa ideia. Estava ali porque não podendo desfazer os nós da relação com a mãe, melhor era jogar fora o novelo. Esquecer-se das maldades, tratá-la com compaixão. Inflava o peito, enrijecia o corpo, a face plena da dignidade que a ideia cobrava. Mas logo arrefecia. Sentia a hipocrisia de tal pensamento. Não era nenhuma Irmã Dulce. A sua entrega era forjada, puseram nas suas mãos uma carga pesada demais para ser carregada para longe, por isso, pousara-a em um canto da sala.

A verdade reluzia: estava ali porque não havia mais quem estivesse. Porque os irmãos eximiram-se de qualquer responsabilidade, porque tinham seus próprios empregos, seus próprios problemas, suas próprias vidas. Já ela não trabalhava, seus filhos estavam estáveis financeiramente, moravam em suas próprias casas e inclusive a ajudavam com as despesas. Com a vida abençoada que tinha, não seria sacrifício nenhum dedicar o tempo livre à mãe doente. Além disso, todos eles sofreram tanto quanto ela sob a tirania da mãe, talvez até mais: enquanto ela saiu de casa cedo, casou-se e teve uma vida tranquila, eles tiveram que resistir às tempestades que só a mãe sabia criar. Mesmo os dias calmos eram de espera ansiosa, sabiam que algo destilava na alma da mãe, uma raiva, uma crueldade, um desmando qualquer. O temporal costumava chegar sem dar sinais.

Ela estava sozinha, inclusive na dor. Até os irmãos guardavam rancor da sua partida indesejada. Nas discussões tentava lembrá-los que não saíra de casa por vontade própria, que fora expulsa, mas as palavras resvalavam nas paredes. Eles ressentiam-se de uma ausência que não fora sua escolha e culpavam-na por todo sofrimento que lhes fora imposto. Mamãe perdeu a cabeça quando você engravidou e fugiu de casa, diziam. Cristina entorpecia-se de furor. Gritava repetidas vezes que fora expulsa. Expulsa. Era nela que a mãe entornava a bestialidade antes, enquanto eles eram poupados. Os irmãos recusavam a versão, uniam-se em torno da experiência em comum e trancavam-na fora. Era uma estrangeira na dor familiar.

A mãe mexeu-se no leito, balbuciando um incômodo indefinido. Cristina alarmava-se ao mínimo movimento, temia que acordasse novamente e que fosse impossível restaurar seu sono. Aproximou-se da cama, com todo o cuidado deslizou os dedos por entre os cabelos ralos, molhados de suor, segurou com destreza a nuca e ajustou-lhe o travesseiro por debaixo da cabeça. A mulher relaxou imediatamente o cenho, retomando a respiração em ciclos harmoniosos. Também Cristina voltou a respirar. Nos últimos tempos percebera que a sua respiração seguia inconscientemente o compasso da mãe, acompanhava-lhe inclusive os suspiros. A mãe lhe roubara até o que havia de mais autônomo no corpo, pensava com ironia, o que mais restava para lhe ser subtraído?

Deitou-se novamente, precisava dormir. Amanhã a irmã a substituiria enquanto iria ao médico. O filho implorara-lhe que tomasse um tempo para si, que saísse um pouco para espairecer. Não é certo que a senhora doe toda a sua vida para a sua mãe se ela também tem outros filhos, o caçula lhe dizia. Aceitava a ideia, era lógica, mas tremia ao imaginar as consequências da sua breve saída. A irmã trataria esse dia como um enorme sacrifício, uma oferenda maior do que o devido aos deuses. A mãe estranharia a mudança repentina, talvez ficasse até mais agitada do que de costume. Ela

seria forçada a voltar no segundo que a consulta acabasse. O filho zangar-se-ia com o retorno precoce. Haveria uma grande discussão entre ele e a tia...

Virou-se na cama. Havia certo prazer em imaginar um embate entre os dois, orgulhava-se do filho, da sua precisão argumentativa e de como as palavras e os gestos saíam-lhe fáceis. De onde vinha todo aquele autocontrole? A irmã espernearia, gritaria inutilmente no início, mas seria apanhada pela própria fraqueza dos argumentos, então, silenciaria em rancor. Balançou a cabeça como para espanar a fantasia. Por mais estremecida que estivesse sua relação com a irmã nos últimos anos, apiedava-se das suas tolices. A irmã construía para si um labirinto, atravancara-o de ilusões de riqueza, autocomiseração, falsa moralidade cristã e tantas outras tralhas que o tornara intransponível. Em meio a orações a Deus, imprecações contra os vizinhos e luxos incompatíveis com o ganho do marido, a irmã se espremia entre as paredes, perdida, incapaz de encontrar uma saída.

Nunca foram confidentes, é verdade. Mas intuía que a vida poderia ter tomado outro rumo se a mãe não a tivesse exilado tão cedo. Algo se partira no transcurso natural da vida, algo que poderia ter sido facilmente remendado não fosse a agressividade gratuita, intempestiva e ilógica da mãe. Elas poderiam ter dado um significado ao título de irmãs, talvez até se protegido mais das intempéries maternas.

Besteira. Ela se remexia na cama. Eram só palavras e pensamentos vagando inúteis na superfície do presente. Nada disso pode atingir o que já foi feito. O passado é uma bola de ferro que meus parentes e eu carregaremos para sempre. Mesmo o que sou hoje vem em parte dessa hostilidade fria que mantive e mantenho com meus irmãos e dessa mágoa que não posso apagar nem mesmo quando vejo minha mãe em franca decomposição. Por que não posso deixar de odiá-la?

Levava as mãos à face. Odiar a mãe era uma heresia. Preferia ressentir-se das suas ações, magoar-se com as lembranças de sua crueldade, pois temia o que havia de definitivo no ódio. Reconhecer seu ódio era também revelar algo de si que a desconcertava. Uma fera que rugia nos porões da sua alma. Preferia mantê-la nos recônditos mais profundos de si, em um lugar tão interno que nunca pudesse visitar.

Esse era um dos seus mais contundentes paradoxos. Não odiar a mãe era sua maneira de atingir algo que pensava ser maior que ela mesma, enquanto odiá-la estava tão bem acomodado nas profundezas do seu ser, que não podia deixar de ser parte do que ela era. Era uma marca quase invisível, mas ainda assim presente em cada um dos seus gestos em relação à mãe. Mas como resolver isso, ela se perguntava. E não podendo, ou não querendo, mergulhar na contradição, esquecia-se.

\*\*\*

Um grito a despertou.

Era a mãe. Revirava-se na cama, o rosto retorcido em um incômodo indefinido. Chamava por Cristina que, num pulo, aproximou-se. A mulher agarrou-lhe o pulso com uma força inesperada, fazendo-a soltar um leve gemido, mas incapaz de desvencilhar-se. Os olhos fixos na filha, a mulher rompeu-se em xingamentos e desaforos. Brevemente esquecida da condição da mãe, Cristina meteu-lhe um tapa sonoro no rosto. A outra, espantada pela agressão, soltou-lhe a mão e silenciou.

Cristina sentia a culpa subir-lhe pelos dedos das mãos até o peito, tomando-lhe então as veias do pescoço. Quando chegou aos olhos já não era culpa, era raiva. Veja só onde a mãe a levava, com sua ferocidade, com sua sequidão. A raiva derramou-se quente pela face. Seu corpo parecia ter perdido, em um lance de mágica, todos os ossos. Com as pernas bambas, sentou-se no sofá. A mulher voltou a gritar frases sem sentido. Cristina recuperou as forças, alcançou a bolsa de remédios com o calmante e obrigou-a a engolir. Por ainda meia hora debateu-se inclemente, quando finalmente largou-se mole na cama e adormeceu.

Mas Cristina não conseguia nem ao menos fechar os olhos. Todo o seu corpo estava eletrizado e sua cabeça vagava sem descanso. O tapa fora um erro, não poderia deixar de pensar, mas o primeiro. Afinal, ela se doara devotamente à mãe! Cobrira cada desejo próprio com renúncia até aquele momento. Então, por que sentia como se um monstro a habitasse? Como se cada gesto até agora não fosse seu, mas dele? Algo tão diferente de si, pensava, havia sequestrado a sua própria vida. Um tipo de parasita que se auto-organizava, enquanto ela se doava à mãe. Ele surgira da sua distração: houvesse se vigiado mais, não estaria tão envergonhada de suas próprias ações.

Era preciso que descesse aos porões de si, que se reencontrasse com o monstro, que o expulsasse. Era preciso ir ao fundo. O próximo passo era decisivo, mas ela não o executou. Antes, sentiu-se alçada em sua direção. Cada degrau carregava a dolorosa lucidez de estar indo não em direção a um outro, a um usurpador, mas à verdade. Essa clareza inesperada a assustou, tentou voltar, mas já era tarde demais. Chegara ao fundo e esperava que o monstro se aproximasse. Mas não havia nada, exceto uma poça minúscula que quase passava despercebida no centro do porão. Era como se um grande lago houvesse secado e deixado para trás a lembrança de tempos de fertilidade. Cristina se aproximou da poça e antes mesmo de mirar-se nela, a verdade se interpôs. Sentiu-se saída de um nevoeiro. A visão era obscenamente nítida: tratava consigo pela primeira vez na vida.

Sim, era ela, podia se reconhecer no reflexo. Mas não se tratava do seu rosto na inteireza com a qual se acostumara. Era um rosto vazado, feito de intervalos não-preenchidos. Ela sabia, como quem é familiar com um código secreto, que era ali que sua mãe habitava: nos interstícios de sua vida. Ela deslizava por entre suas dúvidas, sua dor e sua raiva. Encostava-se em cada alegria, espantando-a com sua simples presença. Cristina não sabia como arrancá-la de si, mas sabia que o tapa lhe trouxera algo diferente: um momento fugaz de lucidez. O tapa não atingira à mãe, pois ela era um espectro, puro escoamento, puro desfazer-se. Ela não estava presente, ela não-era. O tapa atingira verdadeiramente a si própria e a fizera descobrir, ainda que não o soubesse, que

havia algo dentro de si além da dor e da raiva: uma imensa impossibilidade.

Era essa imensa impossibilidade que a mantinha refém da mãe. Tinha em frente a si uma outra pessoa que lhe parecia real em todos os aspectos imagináveis: ela comia, bebia, falava, gritava, dormia. Essa pessoa tinha uma história que atravessava a sua própria, mas em um certo momento, e ninguém pode precisar qual, essa história parou de se fazer. O que Cristina esperava inutilmente era que juntando mais uma vez a sua história à dessa pessoa, pudesse decidir-se pelo perdão ou pelo ódio. Mas não podia odiá-la, agora sabia. Nem mesmo perdoá-la. É preciso que o outro seja para que o perdoemos ou o odiemos. A ausência da mãe, o seu contínuo e inexorável desaparecimento, apagava dentro dela essas possibilidades.

Cristina não podia deixar de ver essa impossibilidade como avassaladora. Sentia-se mais impotente do que nunca em relação à mãe, mas estranhamente livre. Olhou para a mãe mais uma vez, a serenidade do seu sono não denunciava seu passado, nem seu futuro. Ela era apenas bela, realmente bela.